

REVISTA DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO DE SÃO PAULO

FUNDADO EM 1.º DE NOVEMBRO DE 1894

Director: PAULO DUARTE

VOLUME XXXII

Arquivo da Biblioteca
DÉLIO FREIRE DOS SANTOS

EDIÇÕES DO
INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO DE S. PAULO
1937

OS JESUITAS E OS INDIOS MAROMOMIS na Capitania de São Vicente

Serafim Leite S. I.

A O começar o movimento de unificação da Língua Geral tomaram contacto os Jesuítas com os índios Tapuias, “como quem diz selvagens”. E, ao mesmo tempo que infiltravam entre êles a língua tupi, aprendiam a sua própria. Estes índios, uns vieram ter á capitania de S. Vicente, e chamavam-se Maromomis (ha transcrições diferentes: Maramimis, Marumimis, Maromomins, Miramomis, Guaramemis; outros apareceram nas capitanias de Porto Seguro e Ilheus, e eram conhecidos com o nome de Aimorés. A língua de uns e outros era diversa da geral, e os Jesuítas aprenderam-nas ambas (1).

Não consta que da actividade linguística dos Padres com os Aimorés resultassem obras escritas. Dos Maromomis fizeram vocabulário e catecismo...

(1) — Pero Rodrigues, *Vida de Anchieta*, em *Annaes da Bibl. Nacional do Rio*, XXIX, 199. Teodoro Sampaio, *O Tupi na Geographia Nacional*, 3.^a ed. (Baia, 1928) 266, lê “*Miramomis*, corr. *myra-momi*, a gente miuda ou de pequena estatura”. Adoptamos a forma *maromomis*, não como decisão etimológica, mas porque a vimos com frequência e é a única executável, em português, para traduzir a forma latina *maromomificam*, dada no documento original, que reproduzimos abaixo na nota 10.

O primeiro contacto com os Maromomis realizou-se durante o Provincialato do P. Marçal Beliar-te (1587-1597); e deixaram ligados os seus nomes a estes índios o P. Manuel Viegas e o Ir. Pedro de Gouveia. A fonte, donde nos constam estes factos, é Pedro Rodrigues. Escreve êle em 1599:

“Os anos passados, em tempo do P. Marçal Beliar-te, Provincial que foi desta Província, começou o P. Manuel Viegas de tomar noticia da lingua de um gentio, mui fero e bravio, a que chamam Maromomis. Vive esta gente em uma serra, que está sôbre o Rio de Janeiro e S. Vicente, em espaço de obra de duzentas léguas. E tem differença do gentio, que vive pola costa, em algumas cousas. Têm uma só mulher, não comem carne humana, dormem no chão, quando muito sôbre folhas de árvores, e contentam-se com terem os pés pera o fogo e têm muita variedade de linguas. Os que vivem pola costa dormem em redes com fogo de baixo, e têm uma só lingua em todo o Brasil desde o Rio da Prata até o famoso Rio das Almanzonas [Pero Rodrigues contrapõe Tapuias em geral (não só Maromomis) e Tupis]. O Padre Viegas, com a sua santa curiosidade, chegou a tanto que fêz catecismo naquela lingua [dos Mamomomins] de que se podem ajudar os que a aprendem. E já agora se ajuda um Irmão, que é discipulo do Padre, natural da Alta Alemanha, o qual reside em uma das Aldeias, e tem a seu cargo os Maromomins, que tem suas casas junto dela. E o Padre foi-se para a casa de S. Paulo, donde vai visitar outra aldeia da mesma gente. E pouco e pouco os vai ajuntando, e os anos passados fêz comigo que fôsse dar favor a esta gente, com lhes dizer a primeira missa, na sua terra. Quererá Nosso Senhor trazer obreiros que levem tão santa obra por diante, vencendo as difficuldades que nestas empresas cada dia se oferecem” (2).

(2) — Pero Rodrigues, *Carta da Baía a 19 de dezembro de 1599*, Bibl. Nac. de Lisboa, fg. Cx. 30, 82, n.º 7, 2.ª página; Archiv. S. I. Romanum, Bras. 15, 473-473v. O P. António de Matos depois de falar no ano de 1588, diz, referindo-se á catequese do P. Viegas *eodem tempore*, António de Matos, *De Prima Collegii Fluminis Januarii Institutione*, 31v).

Em 1604 pensava-se em abrir residência entre êles, na região de Piratininga. Propô-la ao Padre Geral a Congregação Provincial dêste ano; e a resposta, favorável, recomendava que se estabelecesse a residência em lugar seguro, ao abrigo de ataques dos índios, para não ter que se abandonar depois, com grave dano dos mesmos Maromomis (3).

Tais perigos não eram imaginários, parte por causa dos índios, parte por causa dos colonos. Viu-se isto no ano de 1593 em que a Camara de S. Paulo proibiu, sob pena de multa pecuniária, degrêdo ou açoites, que ninguém fôsse negociar com os Maromomis, "enquanto a terra não estiver bem segura, porquanto haviam ido lá algumas pessoas, e se vieram, com deixarem escandalo entre os ditos Guaramemis" (4).

Os Maromomis catequizados foram absorvidos na massa geral dos índios. Além daquela aldeia na comarca de S. Paulo, havia outra junto á Aldeia de S. Barnabé, do Rio de Janeiro; e em 1599 celebrou também a primeira missa entre êles o mesmo P. Pero Rodrigues, a convite do Ir. Pedro de Gouveia, encarregado da sua catequese (5).

O P. Rodrigues, que era então Provincial, tinha em grande estima êste irmão e chegou a pedir para Roma que se ordenasse; dava, como motivo principal, o saber a língua dos Maromomis, que só êle conhecia, fóra o P. Viegas, seu mestre. Todavia o P. Geral não acedeu, observando que êsses tais, depois, servem de pouco; e seria uma tentação para outros (6). Nem poris-

(3) — Arch. S. I. Roman., *Congr.* 51, f. 318.

(4) — *Actas da Camara de S. Paulo*, Resoluções de 31 de julho e 14 de Agôsto de 1593, I, 466-469; cf. Fernão Guerreiro, *Relação Anual*, I, 384, onde escreve que os Maromomins antes eram contra os Portugueses; e depois, com a intervenção dos Padres, têm igrejas e ajudam os brancos.

(5) — Pero Rodrigues, Arch. S. I. Roman., *Bras.* 15, 473-473v.

(6) — Pero Rodrigues, Carta de 27 de agosto de 96, *Bras.* 2, 92.

so deixou o Irmão Pedro de Gouveia de prestar relevantes serviços na catequese daqueles índios (7).

Na segunda década do século XVII insistiu-se de novo na necessidade de abrir residência em "Piratinunga, nos Moromonins". Porque, a-pesar da licença, não se tinha até então posto em execução. Estes Índios viviam de pinhões que são "maiores que os nossos". Os Padres iam a sua Aldeia, periodicamente, mas deviam ter ali residência fixa, porque senão (e é este o principal argumento para a criação da residência) os Maromomis "tornam ao seu natural que é irem para os matos" (8).

Tiveram estes índios o primeiro conhecimento dos Padres por notícias levadas por um índio cativo, e depois liberto, diz Simão de Vasconcelos, por intermédio do Padre Anchieta. Os Maromomis, assim informados, vieram ter a Bertioga. Recebeu-os bem o capitão. E logo foram catequiza-los os Padres Anchieta e Viegas. Referem os biógrafos de Anchieta, que êle começou o vocabulário desta lingua. Contudo, demorando-se apenas quinze dias entre os Maromomis, pouco mais poderia ter feito que recolher alguns nomes. Em compensação, o P. Viegas, ficando só, levava "a casa os filhos dêles, pequenos, para que, aprendendo a Língua Geral, depois lhe servissem de intérprete". E, com o tempo, "tresladou nesta nova lingua a doutrina que estava feita para os índios da costa, e fêz vocabulário muito copioso, e ajudou o P. José a compor a Arte de Gramática, com que fácilmente se aprende" (9).

(7) — O Ir. Pero de Gouveia, cujo nome alemão, não consta dos documentos, era natural de Edister. Ainda vivia em 1607, última referência. Já não aparece no catálogo de 1610. O de 1598 tem: "Petrus de Gouveia ex Edister in Germania, annorum 31. Obiuit aliquot annos domestica officia, postea didicit linguam brasilicam et Maromominorum, et Indis instruendis se exercet. Coadjutor temporalis" (*Bras.* 5, f. 39v).

(8) — *Algumas advertencias para a Província do Brasil*, Roma, Vitt^o Em. Gess. 1255, 15v.

(9) — Pero Rodrigues, *Vida de Anchieta*, em *Annaes da Bibl. Nac. do Rio* 200-201, 285; cf. Serafim Leite, *Primeira biographia inédita de José de Anchieta*, (Lisboa, 1934) 15; Vasconcelos, *Anchieta*, p. 184-187; Paternina, *Vita*, p. 261; Valle Cabral, *Bibliographia in Annaes*, VIII, 199.

Conservar-se-ão vestígios de tão preciosos documentos linguísticos? Até agora não se nos depararam, pelo menos com a denominação dêstes Índios.

Do seu autor testemunha o P. João de Almeida: "Um Padre, Manuel Viegas, em S. Paulo, Pai dos Marumomins, do qual disse o P. Cristovão de Gouveia, Visitador Geral desta Província, que, ainda que não viera de Portugal a ela por outra cousa, senão só por ver ao P. Manuel Viegas, tivera por bem empregada sua vinda, com todos seus trabalhos" (10).

(10) — Testemunho citado por Vasconcelos, *Vida do P. João de Almeida*, p. 76. Manuel Viegas era de Marvão, distrito e diocese de Portalegre. Faleceu com 75 anos de idade em Março de 1608 (*Hist. Soc.* 43, f. 65v., que não traz dia nem lugar. Fez os votos de Coadjutor Espiritual em S. Vicente, no dia 24 de maio de 1582, em mãos do P. Anchieta (*Lus.* 19, f. 6). Reza assim o catálogo de 1598: "*Em Piratininga, P. Emmanuel Viegas ex Marvão, dioecesis. Portalegrensis, annorum, 65. firma valetudine; admissus in Societatem anno 1556. Studuit grammaticae et casibus consciencie quantum fuit satis ad sacros ordines. Didicit Brasilicam linguam et Maromomiticam. In docendo pueros elementarios, et erudiendis indis et confessionibus audiendis, semper versatus est. Coadjutor spiritualis formatus ab anno 1562 Bras. 5, f.40*).